



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E À DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO E PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

RUI DA SILVA BARBOSA

COMPREENSÃO DO CONCEITO DE ESPAÇO DOS ALUNOS DA ESCOLA
JOÃO DIONÍSIO DE MENDONÇA

CAMPINA GRANDE – PB

2014

RUI DA SILVA BARBOSA

**COMPREENSÃO DO CONCEITO DE ESPAÇO DOS ALUNOS DA ESCOLA
JOÃO DIONÍSIO DE MENDONÇA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Em Fundamentos da Educação e Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com o Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a M.^a Carla Dantas

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B238c Barbosa, Rui da Silva
Compreensão do conceito de espaço dos alunos da escola João
Dionísio de Mendonça [manuscrito] : / Rui da Silva Barbosa. -
2014.
44 p. : il.

Digitado.
Monografia (Especialização em Administração Escolar) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Carla Dantas, PROEAD".

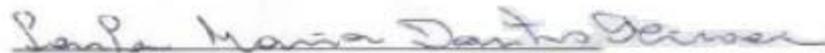
1. Ensino 2. Geografia 3. Espaço geográfico I. Título.

21. ed. CDD 372.89

RUI DA SILVA BARBOSA

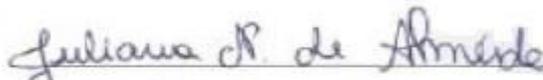
**COMPREENSÃO DO CONCEITO DE ESPAÇO DOS ALUNOS DA ESCOLA
JOÃO DIONÍSIO DE MENDONÇA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Em Fundamentos da Educação e Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com o Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.



Prof.^a M.^a Carla Dantas / UEPB

Orientadora



Prof.^a M.^a Juliana Nobrega Almeida / UEPB

Examinadora



Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira / UEPB

Examinador

DEDICATÓRIA

A minha esposa, Waldegleide Benevides da Silva
Barbosa, pela dedicação, companheirismo e amizade,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus pela sua grandeza, pelo seu amor incondicional. Agradeço pelo carinho, pelo cuidado com minha família, por nunca desistir de mim, e principalmente por me amparar em meus momentos difíceis desta vida.

À minha amada esposa que Deus colocou em minha vida para me auxiliar em todos os momentos e também a nossa filha Débora Vitória fruto de nossa união.

À professora Dr^a Carlas Dantas pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela paciência e principalmente por sua dedicação.

Aos meus familiares, pela compreensão por minha ausência em determinados momentos ao qual estava me empenhando para cumprimento deste estudo.

A minha sogra Josefa Lourenço e meu sogro Waldeci Rodrigues que tem sido como pais pra mim.

A minha mãe Lindalva Lucas da Silva que sempre esteve ao meu lado aconselhando e cuidando de mim.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial à Carla Dantas, Antônio Albuquerque, Antônio Brito e Vagda Rocha, que contribuíram ao longo deste ano, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu pastor e conselheiro Jonathan Rodrigues pelo apoio espiritual e incentivos para a elaboração deste trabalho.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio para a execução deste estudo.

Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele. Provérbios 22:6

RESUMO

O presente estudo objetiva refletir o processo de ensino-aprendizagem do espaço geográfico na disciplina de Geografia, utilizando como amostra os alunos do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Dionísio de Mendonça, no Distrito de Chã dos Pereiras, localizado no município de Ingá – PB. Ao longo de nosso trabalho, buscou-se iniciar uma discussão sobre o estudo e a compreensão do espaço geográfico por parte dos discentes da referida escola, pois este conceito-chave da Geografia não deve ocorrer sem associação às situações da realidade e das vivências humanas, sem as quais perde todo o sentido. A pesquisa objeto do presente estudo utilizou metodologia quantitativa no sentido de diagnosticar o posicionamento dos alunos frente ao conceito de espaço geográfico trabalhado em sala de aula. Também utilizou-se a revisão de bibliografia como forma de solidificar os resultados alcançados. As conclusões do estudo indicam que, a exemplo do que aconteceu com o conceito de espaço geográfico, se observadas as condições que permitiram a execução do presente estudo, os discentes poderão construir e produzir conhecimento de maneira produtiva e crítica, conforme demandado por uma educação que privilegia a formação da cidadania.

Palavras-chave: Ensino, Geografia, Espaço Geográfico.

A B S T R A C T

This study analyzes the process of teaching and learning of geographical space in the discipline of geography, using as sample students from the 9th year of the Municipal Elementary School João Dionisio de Mendonça, the District of Pear Tea, located in the municipality of Inga - PB. Throughout our work, we tried to start a discussion about the study and understanding of geographic space by students of that school, because this key concept of geography should not occur without association to situations of reality and of human experiences, without which it loses all meaning. The research object of this study used quantitative methodology in order to diagnose the placement of students in relation to the concept of geographical space worked in the classroom. We also used the review of literature as a way to solidify the results. The findings indicate that, similar to what happened to the concept of geographical space, if the conditions that allowed the execution of this study observed, the students will construct and produce knowledge productively and critically, as demanded by an education that favors the formation of citizenship.

Keywords: Education, Geography, Geographic Area

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1 –	Vista parcial da área urbana de Chã dos Pereiras.....	19
FOTO 2 –	Escola João Dionísio de Mendonça.....	23
FOTO 3 -	Alunos do 9º ano da E.M.E.F. João Dionísio de Mendonça	37

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	Mapa de Chã dos Pereiras	18
FIGURA 2 –	Mapa urbano de Chã dos Pereiras	21
FIGURA 3 –	Planta da Escola Municipal João Dionísio de Mendonça	25
FIGURA 4 –	Idade dos alunos	26
FIGURA 5 –	Situação ocupacional dos pais	27
FIGURA 6 –	Situação ocupacional das mães	27
FIGURA 7 –	Localidade dos alunos	28
FIGURA 8 –	Mapa de Chã dos Pereiras	28
FIGURA 9 –	Renda mensal da família dos entrevistados	29
FIGURA 10 –	Interação e satisfação com a matéria de Geografia.....	29
FIGURA 11 –	Aspecto positivo na disciplina de Geografia	30
FIGURA 12 –	Aspecto negativo na disciplina de Geografia	31
FIGURA 13 –	A fotografia como recurso didático e pedagógico	32
FIGURA 14 –	Charge como recurso didático e pedagógico.....	32
FIGURA 15 –	O filme como recurso didático e pedagógico	32
FIGURA 16 –	Música como recurso didático e pedagógico	32
FIGURA 17 –	A internet como recurso didático e pedagógico	33
FIGURA 18 –	A importância do espaço geográfico para os alunos	33
FIGURA 19 –	Explicação do conceito de espaço geográfico	34
FIGURA 20 –	O entendimento dos alunos acerca do espaço geográfico	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E O PAPEL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA	15
CAPÍTULO 2: ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DE CHÃ DOS PEREIRAS	18
CAPÍTULO 3: ASPECTOS HISTÓRICOS, FINALIDADE DO PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO E A ESTRUTUA FÍSICA DA ESCOLA JOÃO DIONÍSIO DE MENDONÇA	23
CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
4.1 procedimento para abordar o conceito de espaço	35
4.2 As aulas ministradas na escola para apreensão do conceito de espaço geográfico ..	37
4.3 O processo de avaliação utilizado	41
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou analisar a qualidade do ensino prestado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental João Dionísio de Mendonça, no Distrito de Chã dos Pereiras, localizado no município de Ingá – PB. O mesmo foi realizado com o objetivo geral de refletir o processo de ensino-aprendizagem do espaço geográfico na disciplina de Geografia, utilizando como amostra os alunos do 9º ano da referida escola.

Nossa análise problematizou o objeto de estudo a partir da noção que os alunos da escola e turma tinham sobre ‘espaço geográfico’. O exposto buscou aproximar a pesquisa à realidade discente, uma vez que há uma tendência comum nas escolas brasileiras em contribuir para um distanciamento entre conteúdo trabalhado e realidade vivenciada pelos discentes. O fato conduz, cada vez mais, o alunado a uma espécie de analfabetismo funcional de conceitos básicos da Geografia.

Nossa proposta metodológica para este estudo utilizou-se de metodologia quantitativa no sentido de diagnosticar o posicionamento dos alunos frente ao conceito de espaço geográfico, trabalhado em sala de aula. Também utilizou-se a revisão de bibliografia como forma de solidificar os resultados alcançados. O estudo foi dividido em quatro capítulos, além da introdução e da conclusão. No primeiro abordou-se a construção do conhecimento geográfico e o papel do professor de geografia, no segundo os aspectos históricos e geográficos da Chã dos Pereiras, no terceiro o aspectos históricos, finalidade do plano político pedagógico e a estrutura física da Escola João Dionísio de Mendonça. No quarto capítulo foram apresentados os resultados e a metodologia de trabalho e, em seguida, apresentada a conclusão.

CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E O PAPEL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

A escola e o ensino de Geografia devem instrumentalizar os alunos para a vida, ou seja, incluir na formação dos jovens o saber acumulado pelas gerações anteriores, de modo que venha a favorecer a sobrevivência desses jovens no mundo contemporâneo, cada vez mais complexo e competitivo. Deve-se partir desses conhecimentos prévios e de outras experiências dos estudantes para construir um conhecimento mais amplo, sistematizado e crítico. Resende (1989, p.84) afirma: “Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a geografia torna-se alheia a ele”.

Os alunos só podem compreender os processos históricos e geográficos se, ao examinar um fato, perceberem como ele pode ser analisado, e para isso acontecer necessitam produzir algum conhecimento sobre esse fato. Nesse ensino aprendem com os colegas a pensar geograficamente, já que se trata de suas realidades, desenvolvendo raciocínios que se aproveitam seus conhecimentos anteriores. Assim, o sentido do exercício da construção do conhecimento geográfico pelos alunos é servir que eles compreendam sua realidade e atuem conscientemente nela.

“Os próprios conhecimento trabalhados deverão ter uma tríplice função, qual seja, resgatar o conhecimento produzido cientificamente, reconhecer e valorizar o conhecimento produzido que cada um traz junto consigo, como resultado de sua própria vida, e dando um sentido social para este saber que resulta” (CALLAI, 2001, p. 137).

O debate aberto com a classe e com o professor permite ampliar a clareza da própria relação entre a sociedade e o meio que está construindo e aprendendo. Nesse sentido, a construção e reconstrução do conhecimento geográfico têm um papel mais significativo para sua identidade e sua cidadania. Mas esse processo não pode ficar restrito aos pequenos significados particulares do cotidiano do aluno. As representações que o aluno extrai quando as inserimos em um quadro de relações geográficas mais

amplas. Cavalcanti 2002, p.14 afirma que: “Com essa abordagem, os conteúdos geográficos tornam-se mais eficazes no sentido de cumprir efetivamente com sua tarefa na escola, que é a de contribuir para a formação geral dos cidadãos”.

Para Callai 2001 a Geografia, entendida como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, com uma “visão espacial”, é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania.

Acredita-se que o ensino de geografia deve acontecer de maneira interativa, sob a intermediação do professor, possibilitando ao aluno um espaço em que ele se coloque e crie ou interfira nos objetos de estudo. Assim, os alunos poderão construir e produzir conhecimentos de forma produtiva e crítica.

Em síntese, no processo de ensino/aprendizagem há uma relação de interação entre sujeito (aluno em atividade) e objetos de conhecimento (saber elaborado) sob a direção do professor, que conduz a atividade do sujeito ante o objeto, para que este possa construir seu conhecimento. Na base dessa proposta, está uma visão interacionista e construtivista da relação sujeito e objeto de conhecimento (CAVALCANTI 1998, P. 139).

É de extrema importância que possamos entender o que a geografia pode ensinar e para que estudamos esta ciência, que vai além de uma disciplina acadêmica e pode transformar uma sociedade conformada em uma sociedade consciente e participativa. Vamos então, a raiz da problemática no ensino atual de geografia: o ensino nas escolas de hoje, onde ainda está presente no ensino da Geografia Tradicional tem sido desvinculada do mundo real dos estudantes, não preparando alunos para enfrentar o mundo e sim se esconder por traz dele.

Durante muito tempo se achou que o aprendizado de Geografia exigia métodos de memorização, ou seja, acreditava-se que a Geografia precisava ser memorizada e “decorada”. O problema presente no ensino desta disciplina se centra exatamente no modo como é transmitida, ensina que na maioria das vezes é apresentada de modo tradicional, sem deixar que o aluno reflita sobre os acontecimentos e consiga estabelecer uma relação como esta sendo ensinada.

Assim como o tempo, o espaço visto apenas do ponto de vista da forma e da estrutura, ou seja, do visível, não tem significações e tampouco desperta os alunos para possíveis “emoções”. Todo o trabalho espacial deve conter o sentimento da provocação dos “porquês”, “para quês” e “para quem”. O

“quando” e “como” são indispensáveis no entendimento do processo (Castrogiovanni 2000, p.14).

Esse modo tradicional de ensinar Geografia, sem questionamentos ou qualquer contribuição dos alunos, reflete na visível resistência e empatia por parte do educando, se tornando muitas vezes pouco atrativa, tanto na metodologia como no conteúdo apresentado. Para Kaercher 2006, p.76 “se construímos com os alunos o conhecimento e os conceitos que ultrapassem as definições prontas, decoradas e tão cobradas nos velhos e chatos questionários e provas, estaremos superando a chatice da geografia”.

Deste modo é de suma importância que haja uma reformulação do processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia, pois a forma tradicional que tem sido lecionada tem conduzido os alunos a um verdadeiro analfabetismo geográfico.

Castrogiovanni 2000, P. 11 “Por “alfabetização espacial” deve ser entendido a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaboradas dinamicamente pelas sociedade”. Esse autor enxerga essa necessidade crucial de alfabetização geográfica no ensino atual.

Dessa forma, o ensino de geografia deve preocupar-se com o espaço nas suas multidimensões. O Espaço é tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações. E, portanto, a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens, deve fazer parte também dessa alfabetização (CASTROGIOVANNI 2000, p. 12).

Segundo Almeida; Passini 2010, P.11 “é na escola que deve ocorrer a aprendizagem espacial voltada para a compreensão das formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço – o que se só será plenamente possível com o uso de representações formais (ou convencionais) desse espaço”. Assim, a escola é o local propício para superar o analfabetismo espacial, sendo incumbência do professor de Geografia incentivar a aprendizagem espacial, contribuindo para a formação de um cidadão crítico, ou seja, de alguém que se sinta incluído e participante da sociedade em que vive.

O papel do professor de Geografia segundo Kozel; Filizola 1996 é conduzir o aluno a compreensão do conceito de espaço entendendo, sobretudo como o homem transforma a natureza por meio do trabalho, produzindo o chamado “espaço geográfico”. Nesse sentido, só se pode falar do espaço como algo dinâmico, indo além

de seu conteúdo natural ou físico para questionar como surgiu e por que é o que é, ou seja, ir além das aparências.

Kozel; Filizola 1996 afirma que o espaço geográfico só é compreendido com o conceito de tempo que vai permitir uma apreensão abrangente dos processos de transformação da natureza. A partir da observação dos espaços próximos (escola, bairro, cidade, município) e do questionamento sobre como eram e como poderão ficar, irá se desenvolvendo a noção de um tempo maior, mais amplo e abstrato: o tempo histórico. Portanto, a sociedade permanentemente cria, necessidades. Para satisfazê-las, cria novas necessidades. Por isso, o espaço é sempre reelaborado por meio da ação humana (trabalho). Novos espaços surgem, outros se ampliam, alguns “param” no tempo. Para a satisfação de suas necessidades, os grupos humanos plantam, criam animais, exploram os recursos naturais.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DE CHÃ DOS PEREIRAS

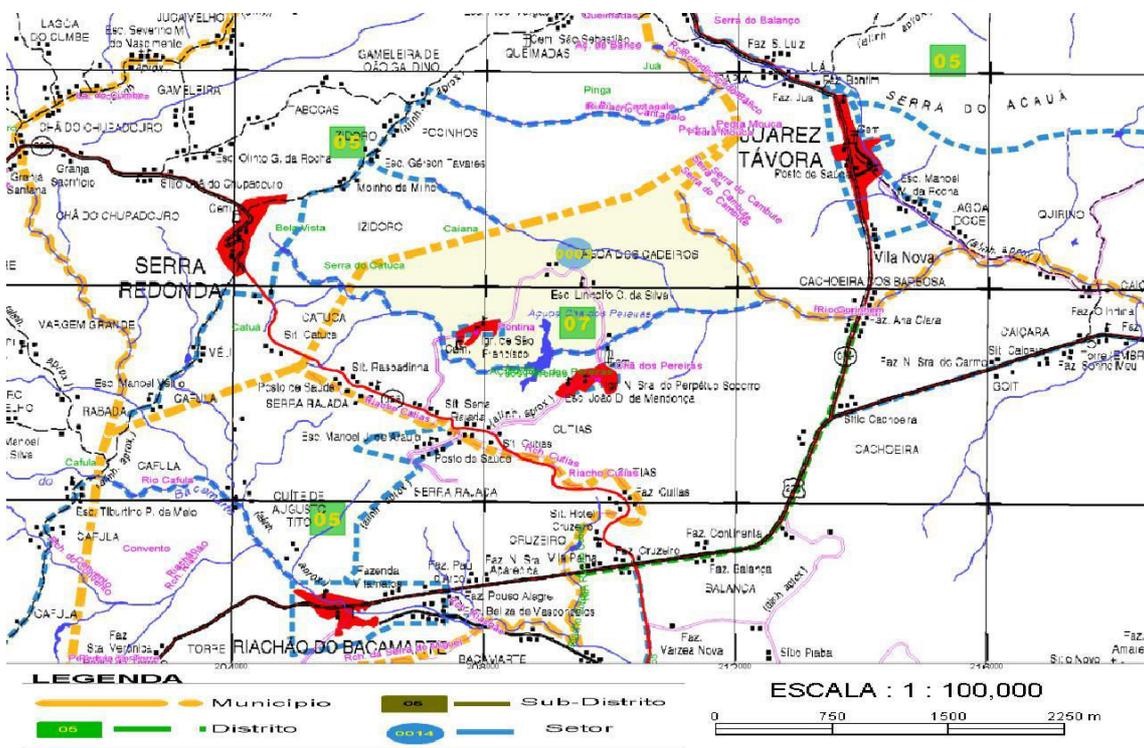


Figura 1: Mapa de Chã dos Pereiras

Fonte: IBGE, adaptado por Rui da Silva Barbosa

O Distrito de Chã dos Pereiras está localizado no município de Ingá¹, na mesorregião do Agreste paraibano, abrigando uma população residente de 593 habitantes no ano de 2010 data do último recenseamento realizado pelo IBGE. Sendo do sexo masculino 255 e do sexo feminino 338.

Segundo Ferreira 2011, o povoado de Chã dos Pereira tem a sua origem ligada a migração de retirantes, que vindos do sertão da Paraíba- da cidade de Santa Luzia, fugindo da seca, chegam em 1877 ao local, hoje denominado de Chã dos Pereiras. As Primeiras pessoas que chegaram ao local pertenciam às famílias: Damásio, Pereira e Beco.

A denominação Chã dos Pereiras tem a sua origem devido ao sobrenome Pereira de uma família que se instalou no local. O local que escolheram para iniciar o povoado era alto e plano. Daí houve a junção do sobrenome da família e do aspecto geográfico do lugar e por isso o povoado hoje se chama Chã dos pereiras.



FOTO 1: Vista parcial da área urbana de Chã dos Pereiras

Fonte: Wilson (Aluno do 8º ano)

¹ O município do Ingá está localizado na base das escarpas orientais do Planalto da Borborema no compartimento geomorfológico denominado de Depressão Sublitorânea, no agreste da Paraíba e na microrregião de Itabaiana. Limitando-se com os municípios de Mogeiro, Itatuba, Fagundes, Riachão do Bacamarte, Serra Redonda, Juarez Távora e Campina Grande. E compreende uma área de 287,9 km² e a altitude da sede do Município tem aproximadamente 163 metros acima do nível médio do mar, ficando distante da Capital do Estado em cerca de 95, 6 quilômetros.

A economia de Chã dos Pereiras (foto 1) se divide em três setores: primário, secundário e terciário. A agricultura constitui a atividade econômica mais importante, atualmente uma produtividade muito baixa, principalmente no que se refere à produtividade de alimentos para o consumo interno, como as principais culturas de subsistência, a banana, o milho, vários tipos de feijões, fava, jerimum, mandioca, batata doce, etc. Quanto às atividades, sabe-se que a agricultura de subsistência e familiar ainda predominante, a banana e o feijão se constituem em dois alimentos básicos nas feiras das cidades e vilas do interior e nos centros urbanos próximos a área produtora. Além do milho e do feijão, destaca-se outros produtos voltados para o comércio interno e também para o externo, isto quando há excedentes.

Esta baixa produtividade deve-se, principalmente, aos métodos rudimentares utilizados, a exemplos das queimadas, a ausência de práticas de conservação do solo e de combate a erosão. É evidente que os problemas da agricultura em Chã dos Pereiras fazem parte de uma problemática nacional, cujas soluções dependem de decisões políticas. Estes não seriam obstáculos, caso houvesse um planejamento e uma orientação ao agricultor.

A produção de alimentos realiza-se em sua maioria em minifúndios baseados na policultura, não tendo muitas condições de produzir excedentes comercializáveis conforme foi ressaltado. O produtor com o uso contínuo do solo leva-o a exaustão, reduzindo a produtividade e com isto tornando-o cada vez mais pobre.

A pecuária no Distrito se destaca a criação do gado bovino, com predomínio de criação extensiva. A pecuária de corte além de abastecer o mercado consumidor do município ainda comercializa a venda do animal, tanto bovinos como suínos, eqüinos e caprinos. Esta atividade econômica ainda é de suma importância em virtude de dar ao agricultor possibilidade de vender leite para implementar a renda familiar no sentido de cobrir suas despesas no dia da feira na sede no município.



Figura 2: Mapa urbano de Chã dos Pereiras

Fonte: IBGE

No setor secundário destaca-se a atividade industrial de doces no Distrito, entretanto ainda não atingiu o seu papel como fator de desenvolvimento em larga escala, ou seja, emprego, renda, circulação de capital, podendo assim melhorar as condições de vida da população.

Com a chegada da fábrica de Doces vislumbrou-se em Chã dos Pereiras uma possibilidade de atenuar o processo de migração populacional inter-regional que em sua maioria buscava condições de vida no Sudeste do nosso País, sobretudo para o Rio de Janeiro. Entretanto, neste setor da economia de Chã dos Pereiras ainda é utilizada a mão-de-obra barata nesta pequena indústria de doces.

A permanência de habitantes em Chã dos Pereiras e o retorno de alguns migrantes, possibilitou a formação de consumidores que aos poucos tem expandido o setor terciário, criando um mercado interno dinâmico, isto é para atender a comunidade local.

No setor terciário destaca-se o comércio, prestações de serviços, transporte, serviços de saúde e de ensino. O comércio começa a se impor e a organizar um espaço compatível com suas relações e modo de vida. A nova classe nascente, formada de comerciantes, instala-se especialmente em pontos estratégicos.

Outra atividade econômica rentável para esta localidade é o artesanato, com o labirinto que é umas das fontes de renda produzida pelas mulheres; que é comercializada dentro da própria comunidade, em feiras estaduais e até em bazares de outros países.

Portanto, Chã dos Pereiras vai ganhando expressão à medida que nela vai se desenvolvendo a agricultura, manufatura, comércio e o artesanato e para ela vai convergindo a massa de trabalhadores expulsos de algumas localidades próximos ao Distrito.

CAPÍTULO 3

ASPECTOS HISTÓRICOS, FINALIDADE DO PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO E A ESTRUTUA FÍSICA DA ESCOLA JOÃO DIONÍSIO DE MENDONÇA



Foto 2: Escola João Dionísio de Mendonça

Fonte: Rui da Silva Barbosa

A Escola Municipal de Ensino Fundamental João Dionísio de Mendonça, está localizada na Latitude de $7^{\circ}12'37.7''$ S e Longitude de $35^{\circ}37'53.5''$ e com altitude de 322m, na Rua Belarmino Pereira N° 18, no distrito de Chã dos Pereiras – Ingá - PB, denominada através da Lei N° 104, de 22 de abril de 1994.

A referida entidade foi construída em 1948 e era denominada Grupo Escolar de Chã dos Pereiras, na gestão do Prefeito Rômulo Rangel. Em 1987 na gestão do Prefeito Paulo Cândido foi construída outra escola maior para atender o número de alunos onde funcionava de 1ª a 4ª séries até o ano de 2000.

Em 2001, na gestão do Prefeito Antônio de Miranda Burity houve significativas mudanças na educação desta comunidade, pois a escola foi beneficiada com a ampliação de mais de 04 salas de aula, sendo, assim passível de expandir a educação local do 1º ao 9º ano.

Em 2005, com as dificuldades que assolavam o município no que diz respeito aos transportes do distrito para a sede do município (cidade do Ingá), implantou-se o ensino médio. As três séries do ensino médio foram implantados consequentemente nos anos de 2005 até 2009. A partir de 2010 até o presente momento, o ensino médio que funciona na referida escola, contudo administrativamente é de responsabilidade do Estado, funcionando como anexo da Escola Estadual Luiz Gonzaga Burity, pois o município de Ingá alegou falta de condições de manter o ensino médio.

Atualmente, funciona os dois turnos com o total de uma clientela de 204 alunos devidamente matriculados.

A escola é regida por seu Projeto Político Pedagógico (PPP), norteando a sua organização em torno de quatro aprendizagens fundamentais, que são considerados os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, instrumentalizar-se para a compreensão da vida; aprender a fazer, intervir na realidade; aprender a viver juntos, ou seja, participar e cooperar nas atividades humanas, e finalmente, aprender a ser, saber agir nas diferentes circunstâncias da vida, usando o senso crítico e criativo para enfrentar os desafios do mundo globalizado, com as exigências do novo mercado de trabalho e das modernas tecnologias.

De acordo com seu PPP a finalidade da Escola é desenvolver projetos e atividades pedagógicas que propiciem o desenvolvimento biopsico-social do educando, oportunizando condições de participação em todos os momentos da escola onde os que compõem a comunidade se unam para alavancar o progresso do processo de ensino-aprendizagem, no ensino do 1º ao 9º ano, viabilizando o desenvolvimento das potencialidades do aluno e a preparação para o exercício da cidadania, oferecendo condições para o bom desempenho da escola, utilizando os conhecimentos adquiridos através do PROFA, PCNS, PRÓ-LETRAMENTOS e Capacitações.

Consideramos pertinente a descrição da escola enquanto objeto físico, tendo como intuito demonstrar as estruturas e acomodações escolares que, certamente, influem no aproveitamento didático, visto que um ambiente saudável proporciona uma melhor acomodação dos professores e alunos. A Escola João Dionísio de Mendonça segundo a diretora Claudinete Felix é composta por mais de 204 alunos estudando. Observamos que a escola tem uma boa estrutura física a estrutura predial se encontra em

boa situação. As salas de aulas têm ventiladores, carteiras de boa qualidade, salas grandes, lousa em perfeito estado e quadro negro.

Possui uma ampla biblioteca com mais de mil exemplares de livros didáticos, paradidáticos e de nível superior. Onde os alunos pesquisam e se desejarem pode levar essas obras emprestadas.

No roteiro da escola encontra-se uma quadra esportiva, onde os alunos podem fazer atividades esportivas.

Como foi acima supramencionado a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Dionísio de Mendonça, tem um grande potencial para desenvolver resultados positivos em seus alunos.

Resumindo, a escola consta de 7 salas de aulas, 1 diretoria, 1 biblioteca, 1 almoxarifado, 1 cozinha com dispensa para guardar alimentos, 4 banheiros, 1 pequeno pátio, 2 corredores, 1 cisterna e 1 quadra, onde podemos visualizar a estrutura da escola, através da planta da mesma (Fig.03)

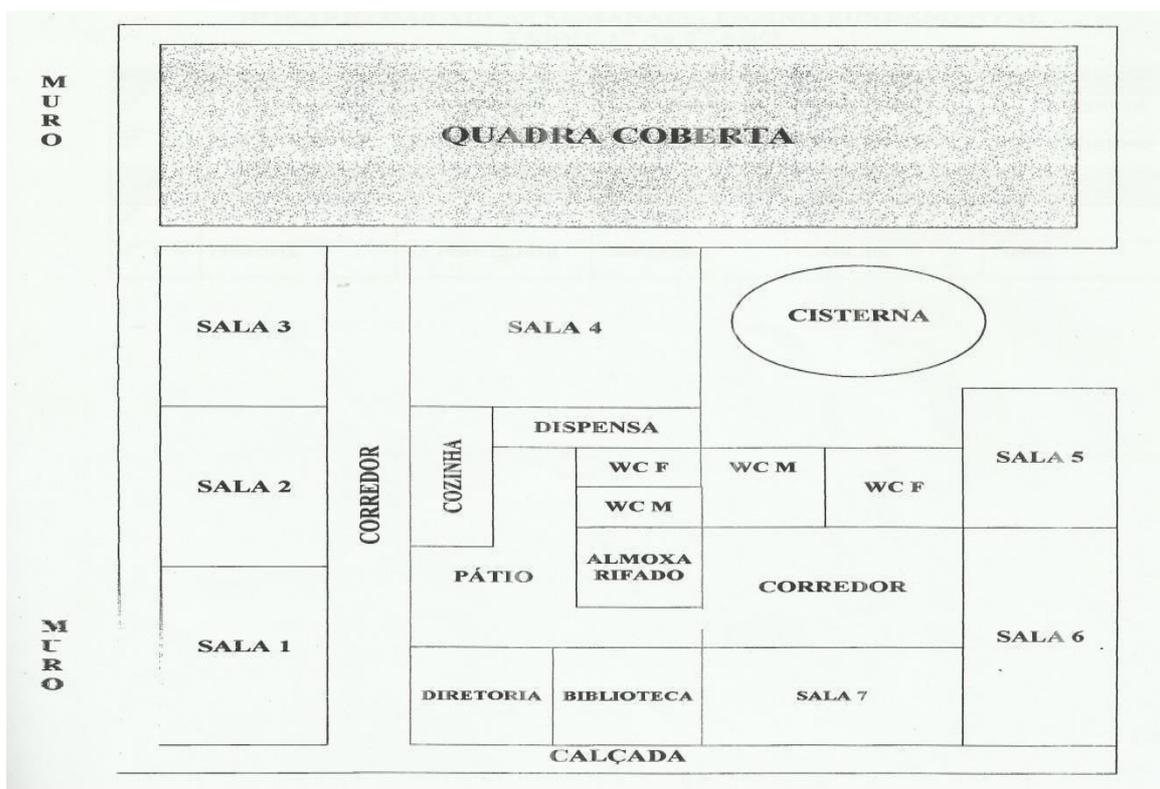


Figura 03: Planta da Escola Municipal João Dionísio de Mendonça

Fonte: Acervo da Escola

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o que foi proposto previamente, neste estudo coletou-se dados referentes às características sócio-econômica e demográfica dos alunos do 9º ano da E.M.E.F. João Dionísio de Mendonça, e o conhecimento dos participantes (alunos) a respeito da categoria da Geografia, neste caso o Espaço.

Os resultados e discussão apresentam-se na ordem fidedigna do instrumento de coleta de dados, seguindo os objetivos específicos propostos pela pesquisa.

Procuramos, a seguir, caracterizar os participantes deste estudo quanto as suas características socioeconômica e demográfica, pois estes favorecem a verificação do meio social, cultural e econômico em que os sujeitos encontra-se inseridos, proporcionando uma melhor análise quanto ao conhecimento dos mesmos a respeito da categoria Espaço, considerado uma das categorias da Geografia.

O total de alunos da turma do 9º da E.M.E.F. João Dionísio de Mendonça no turno da noite é composta de 20 alunos, sendo 14 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, a faixa etária é de 13-18 anos e uma aluna de 33 anos, conforme podemos observar no figura 4, com apenas 1 aluno repetente.

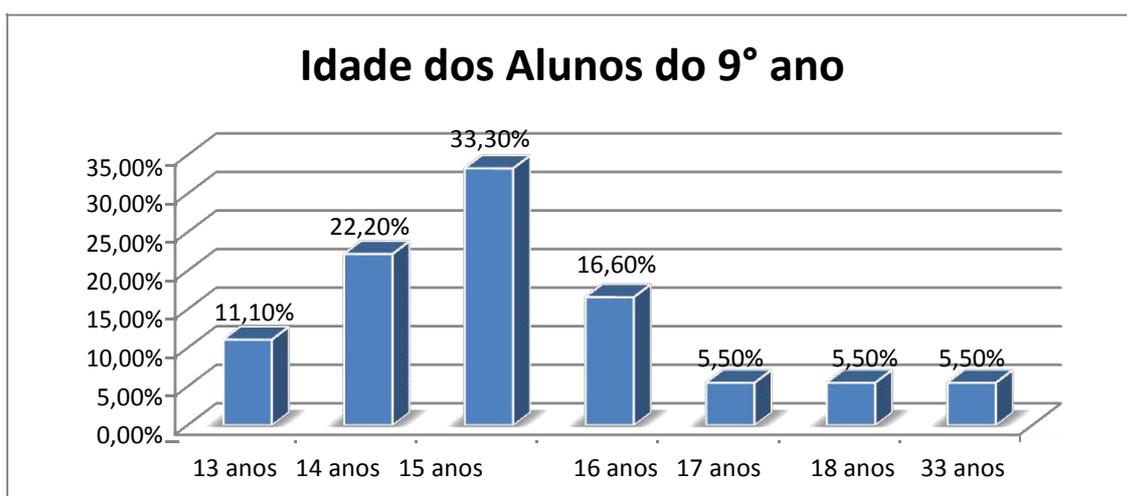


Figura 4: Idade dos alunos

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

A origem socioeconômica dos alunos da referida escola é constituído predominantemente pelas atividades ligadas a agricultura (figura 5 e 6).

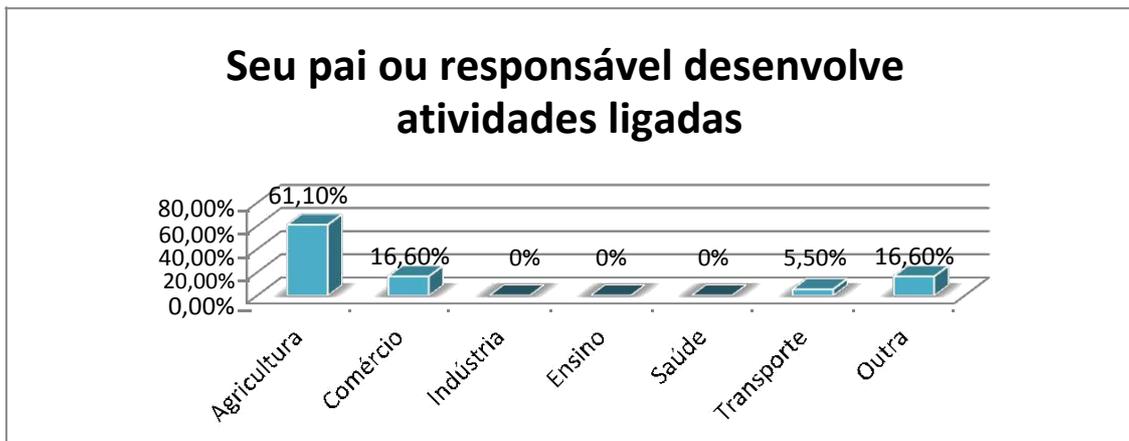


Figura 5: Situação ocupacional dos pais

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

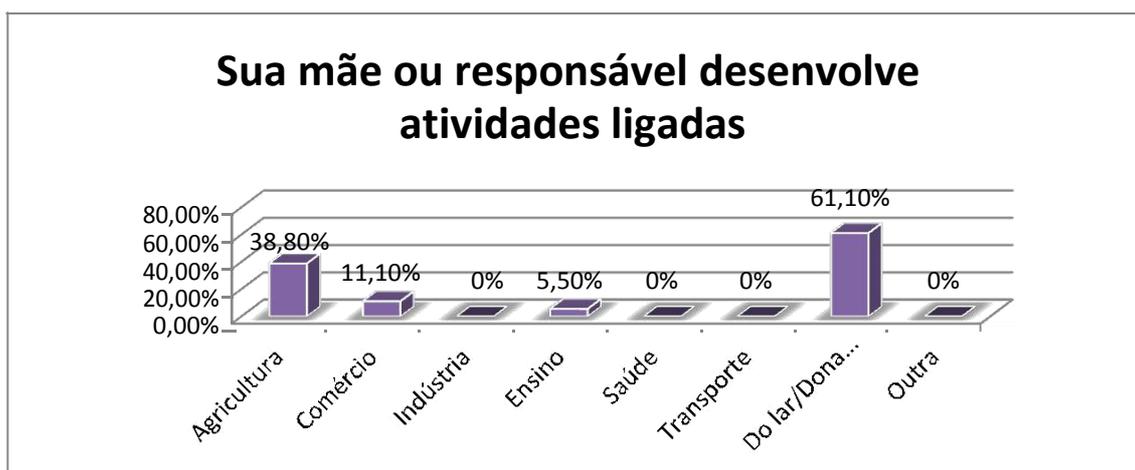


Figura 6: Situação ocupacional das mães

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

É importante ressaltarmos que os mesmos são provenientes das zonas rurais do município de Ingá, que fazem limites que o Distrito de Chã dos Pereiras (figura 7 e 8).

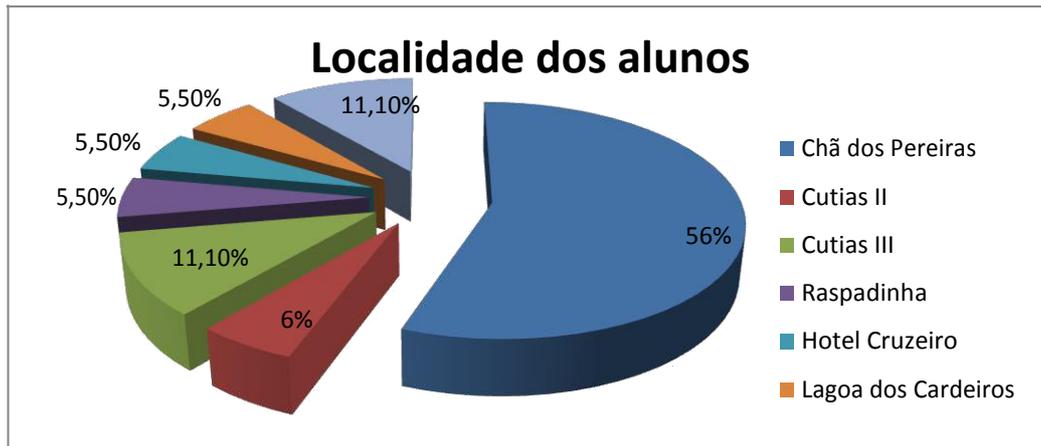


Figura 7: Localidade dos alunos

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça, Ingá-PB, outubro, 2013

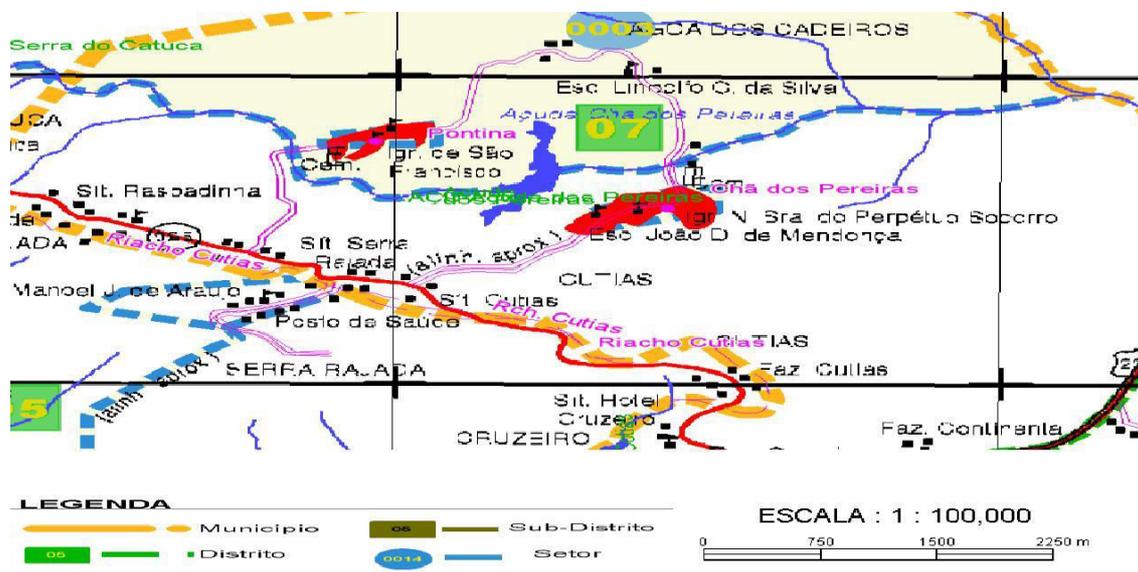


Figura 8: Mapa de Chã dos Pereiras

Fonte: IBGE, adaptado por Rui da Silva Barbosa

O mapa de Chã dos Pereiras (figura 8) demonstra o deslocamentos que esses alunos fazem todos os dias para Escola João Dionísio de Mendonça.

Os alunos conforme supramencionado são atendidos pela Escola Municipal de Ensino Fundamental João Dionísio de Mendonça, que está localizada no Distrito de Chã dos Pereiras no município de Ingá. A maioria das famílias deste referido Distrito, sobrevivem com uma renda não superior a um salário mínimo (Figura 9), sendo de pessoas aposentadas inseridas na família, também de outras fontes: (Bolsa Renda, Bolsa-Escola, Seguro Safra etc.), se tratando portanto, de pessoas carentes.

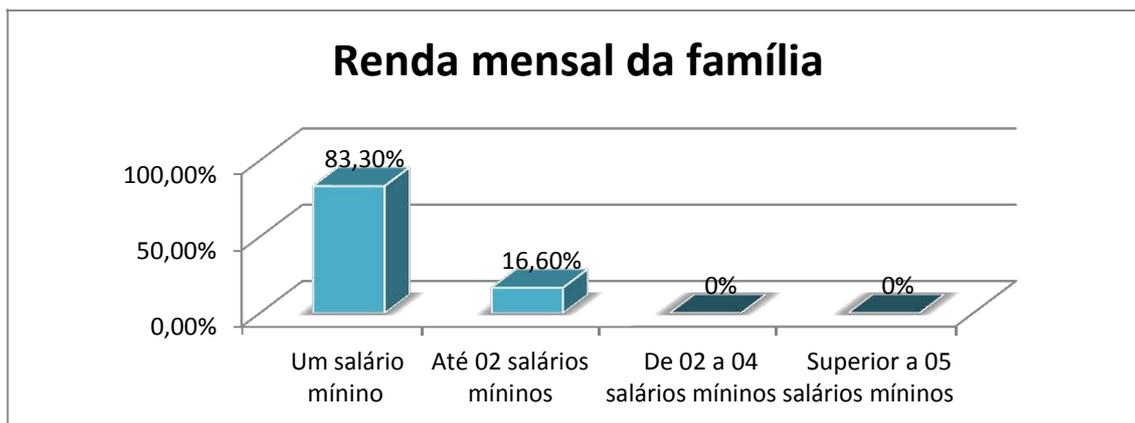


Figura 9: Renda mensal da família dos entrevistados

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

Uma realidade bastante interessante nesta escola é a participação dos pais dos alunos, pois a cada bimestre nos reunimos com os pais dos alunos para informá-los sobre os resultados obtidos durante as aulas. Pois é de suma importância do incentivo e participação dos pais na escola e no acompanhamento dos estudos dos filhos, como também é feita reunião com o corpo docente e funcionário em geral, visando o desenvolvimento no ensino e aprendizagem.

No questionário aplicado com os alunos do 9º foi analisada a opinião deles referente ao nível de satisfação com a disciplina de Geografia (Figura 10), a resposta dos alunos é considerada satisfatória com esse componente curricular, pois 71% dos entrevistados responderam ter uma boa interação e satisfação com essa ciência, 29% responderam ter uma excelente interação e satisfação com a matéria de Geografia.

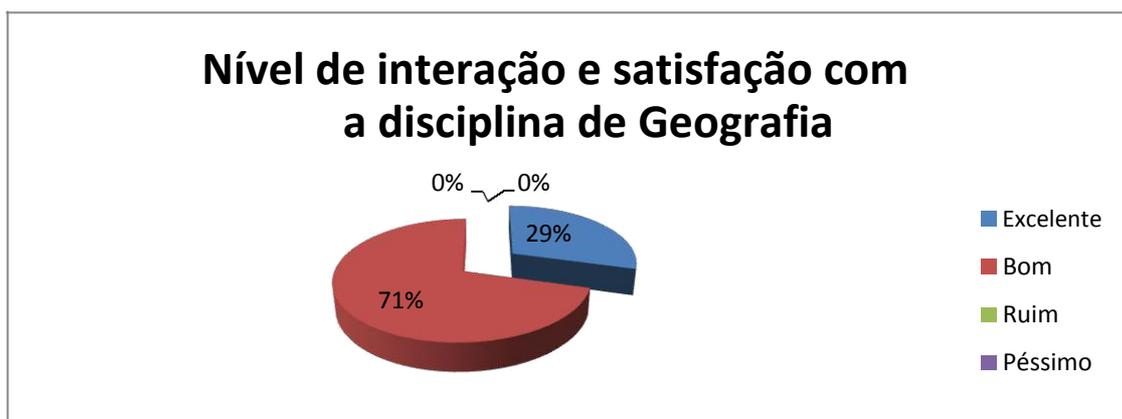


Figura 10: Interação e satisfação com a matéria de Geografia

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

Avaliamos o que consideravam alunos consideravam positivo na disciplina de Geografia (figura 11), assim 44,40% dos entrevistados responderam que consideravam relevantes a utilização de mapas na disciplina de Geografia, 27,70% consideravam importante analisar a sociedade e outros 27,70% apreciavam o estudo do meio natural.

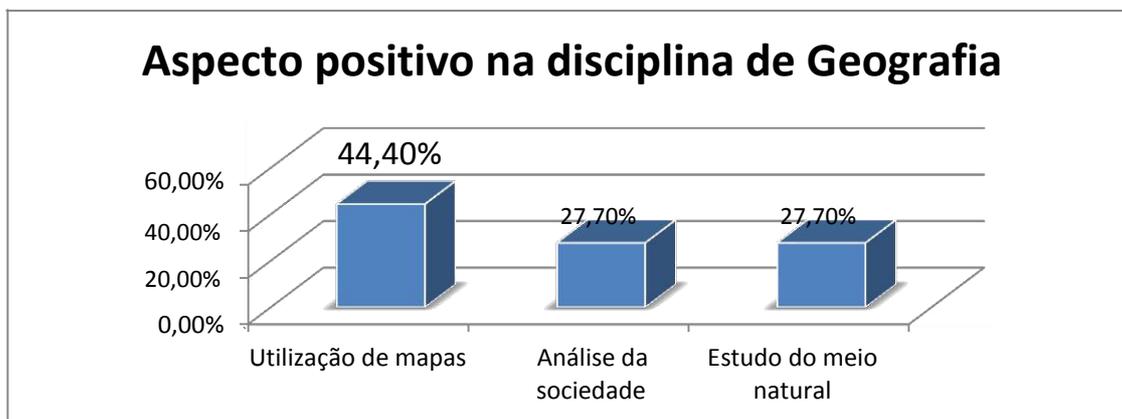


Figura 11: Aspecto positivo na disciplina de Geografia

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

Consideramos também relevantes para a operacionalização deste estudo compreender os motivos apontados pelos alunos ao considerarem negativo no ensino de Geografia (figura 12), as respostas foram assim distribuídas, 38,80% entendiam negativo o estudo do meio, 33,30% entendiam que a utilização dos mapas não era importante, 27,70% não opinaram sobre essa temática e 0% para a análise da sociedade demonstrando que os discentes consideravam positivo esse estudo. Através dessa questão pudemos refletimos sobre os aspectos negativos na disciplina de Geografia de acordo com concepção dos alunos.

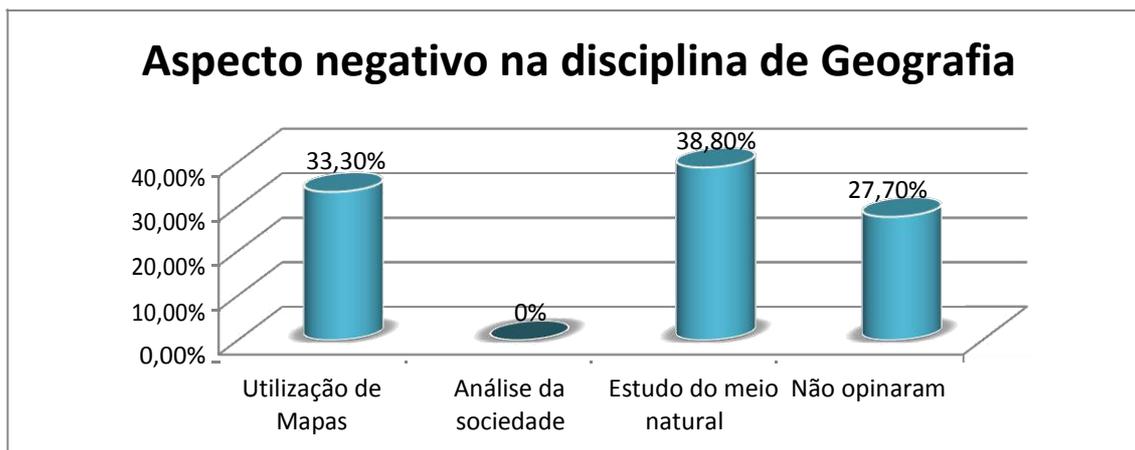
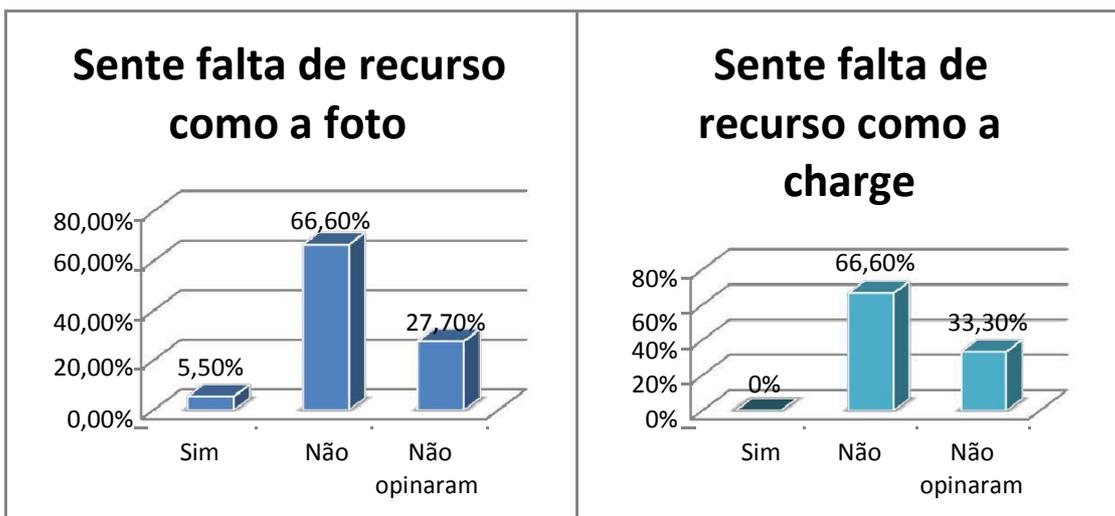


Figura 12: Aspecto negativo na disciplina de Geografia

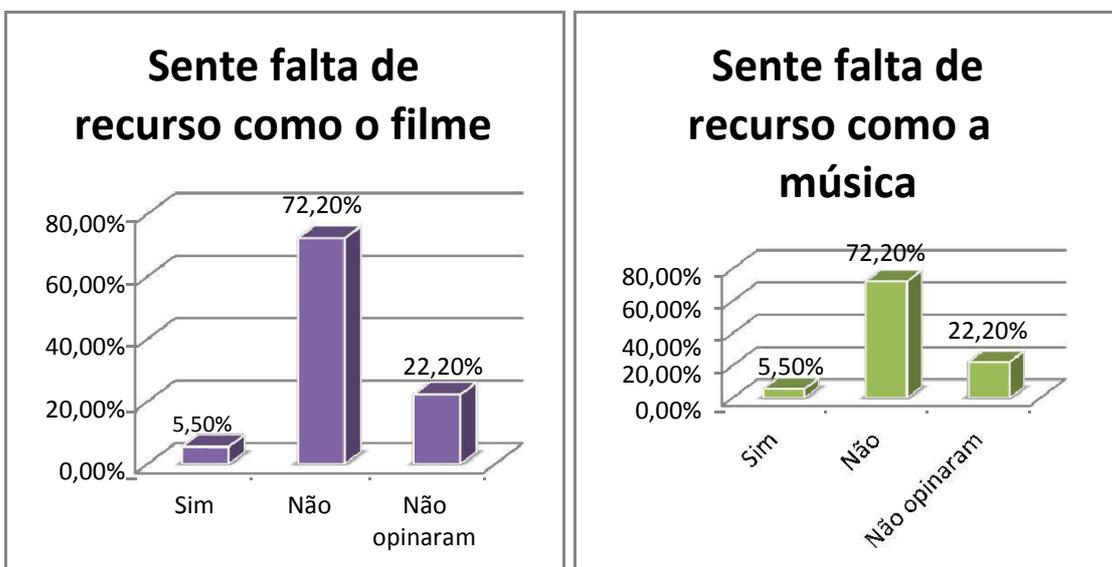
Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

Houve também a indagação se estes alunos sentiam falta de outros recursos didáticos na sala de aula, como a fotografia, a charge, o filme, a música e a internet. Deste modo este questionamento oportunizou a esses discentes demonstrarem suas opiniões a respeito desses recursos utilizados em sala de aula. Os alunos em suas respostas afirmam não sentirem falta dos recursos didáticos que nossa pesquisa elencou (fotografia, a charge, o filmes, a música e a internet), entretanto, isso se deve exclusivamente porque os docentes de Geografia que ensinaram a estes alunos não utilizavam esses recursos. As aulas de Geografia segundo os alunos se restringiam apenas a utilização excessiva do livro e do quadro como forma de aprendizagem. Na fala dos alunos percebe-se uma metodologia tradicional no processo de ensino-aprendizagem desta matéria.



Figuras 13 e 14: A fotografia e charge como recursos

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013



Figuras 15 e 16: O filme e a música como recursos

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

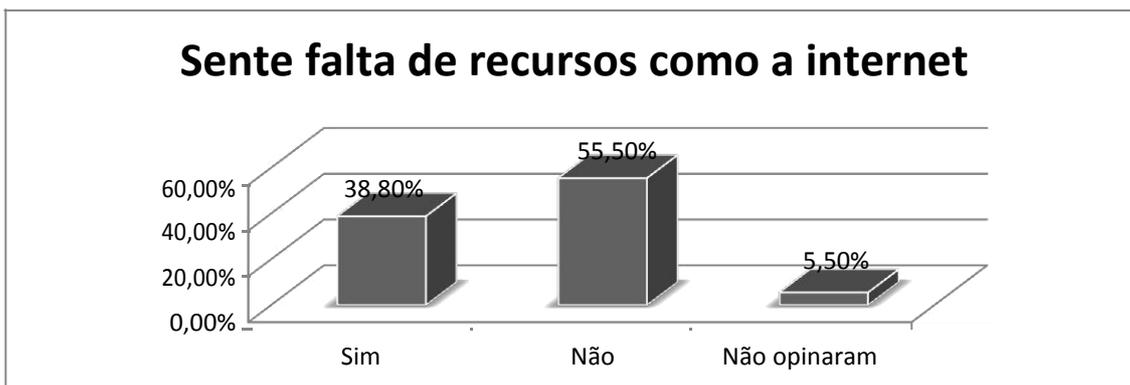
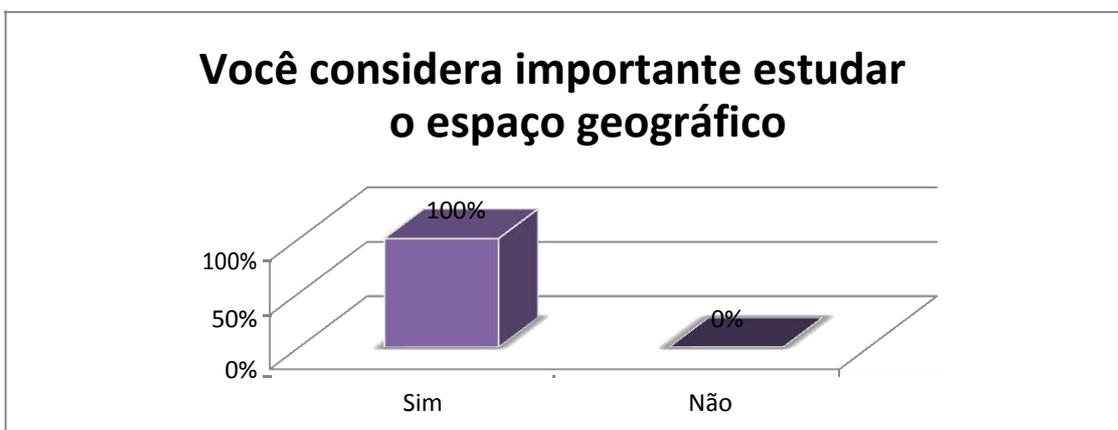


Figura 17: A internet como recurso didático

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

Questionamos qual grau de importância que eles atribuíam ao estudo do espaço geográfico (figura 18), dessa forma, 100% dos alunos entrevistados responderam ser importante o estudo do espaço. Nosso propósito neste quesito era conhecer a relevância os discentes atribuíam a essa categoria da Geografia. Assim, estava aberta a discussão desse conteúdo da Geografia para uma aprendizagem eficaz.



Figuras 18: A importância do espaço geográfico para os alunos

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

Os discentes foram indagados se os professores de Geografia já explicaram alguma vez o conceito de espaço geográfico (figura 19), surpreendentemente 52% dos entrevistados responderam que não e apenas 48% afirmaram que os antigos professores de Geografia já havia explicado esse conceito da Geografia. A problemática deste

estudo surge a partir deste quesito, pois é preocupante a maioria dos alunos responderem que ainda não tinha visto em sala de aula esse conceito da Geografia. Nesse quesito, para os alunos que responderam que os professores de Geografia já tinham explicado o que é espaço geográfico foi solicitado que os mesmos respondessem com suas palavras o que é espaço geográfico. Assim, os alunos que responderam esta questão copiaram a mesma resposta, o que deveria ser pessoal.

Nossa conjectura a respeito desse quesito é que com certeza os professores já trabalharam com este paradigma da Geografia, entretanto de forma desvinculada, conduzindo o aluno a não se importarem com a categoria Espaço. E a outra hipótese para estes alunos responderem dessa forma é que infelizmente existem profissionais atuando como professores de Geografia, mas que não tem formação no curso em Geografia.

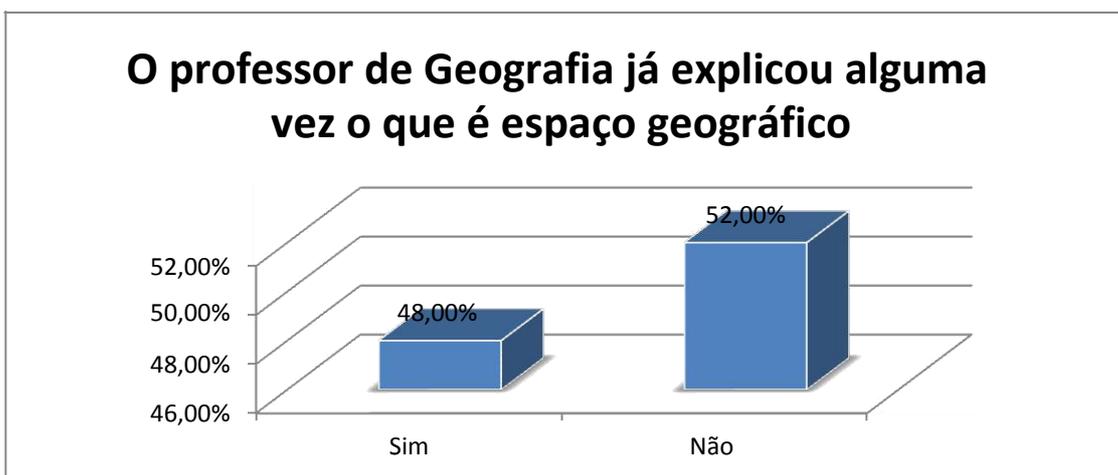


Figura 19: Eplicação do conceito de espaço geográfico

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

Interrogamos em nível de qualidade, o entendimento do alunado da categoria Espaço (figura 20), assim 55,50% dos entrevistados responderam que tem um entendimento bom e 44,40% disseram ter um entendimento regular.

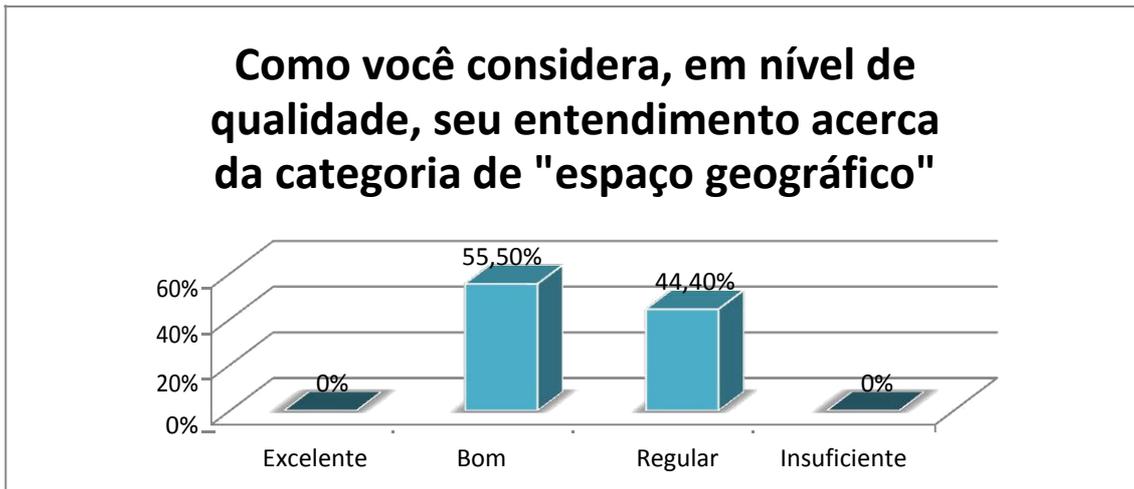


Figura 20: O entendimento dos alunos acerca do espaço geográfico

Fonte: Estudantes da Escola João Dionísio de Mendonça. Ingá-PB, outubro, 2013

4.1 Procedimento para elaborar o conceito de espaço

Inicialmente fizemos um levantamento bibliográfico com fechamento dos assuntos propostos pelo tema (Espaço), depois, foram realizadas reuniões com a diretoria da escola e alunos, para diagnosticar as possíveis dificuldades para a operacionalização deste estudo.

Na segunda etapa, foram aplicados questionários para identificar as possíveis dificuldades que os alunos têm para apreensão desta problemática que é a compreensão do Espaço, utilizando como parâmetro a escala local, pois é esse espaço que os discentes demonstram um conhecimento prévio, para a compreensão de uma escala regional, nacional e global. E depois de aplicados os questionários estes foram analisados para posterior interpretação daqueles dados através do *software Excel*.

Na terceira etapa deste estudo os alunos do 9º ano foram divididos em quatro grupos, para cada grupo foram sorteados temas específicos para que os mesmos pesquisassem em escala local os temas propostos, conduzindo-os a uma compreensão da dinâmica local.

O primeiro grupo foi incumbido de pesquisar sobre o processo de ocupação e a geografia da Chã dos Pereiras, oportunizando uma compreensão do processo de materialização histórica desse espaço. O entendimento do espaço dá-se pela construção do conhecimento geográfico e histórico a partir do movimento (ação) espaço-tempo. O emprego das categorias espaciais e das temporais de ordenação, o hoje (presente), o ontem (passado) e o amanhã (futuro) são fundamentais na compreensão do processo histórico. A análise do processo de formação histórica do espaço geográfico é que possibilita interpretações na busca de seu entendimento. Embora devamos também conhecer a forma, a função e as estruturas que envolvam o espaço, para que possamos entendê-lo nas suas grandiosidades interativas, faz-se necessário a análise contínua do seu processo de formação, ou seja, os seus movimentos históricos CASTROGIOVANNI 2000. O segundo grupo ficou com a responsabilidade de analisar os setores da economia de Chã dos Pereiras, pois estes setores é que favorecem a forma como esse espaço está organizado. O terceiro grupo identificou as áreas que tem potencial ao desenvolvimento do turismo. O quarto grupo investigou sobre a educação em Chã dos Pereiras e o êxodo rural em Chã dos Pereiras.

Na quarta etapa deste estudo, foram analisados na sala de aula os trabalhos desenvolvidos pelos mesmos, com a finalidade de discutir e compreendermos o conceito de Espaço numa dinâmica local e comparando esses dados com a escala regional e global.

Na quinta etapa desse processo de ensino-aprendizagem foram desenvolvidos uma mapa do próprio distrito de Chã dos Pereiras, um pequeno livro para a apreciação da comunidade escolar com os temas que os próprios alunos pesquisaram, uma maquete do próprio distrito enfatizando o papel da Escola e finalmente como culminância desse projeto foram apresentados a comunidade e aos alunos da Escola os resultados obtidos em campo e na sala de aula.

Todas as etapas deste projeto foram realizadas em equipe, dando oportunidades a discussão e confronto de ideias, desenvolvimento a percepção crítica e a responsabilidade nas tarefas.

Diante do exposto, pode-se considerar que o resultado foi excelente, pois os alunos de forma ativa puderam pesquisar e construir conhecimentos sobre o Espaço, podendo comparar o que acontece com as relações espaciais e sociais desenvolvidas na

sua própria comunidade, neste caso no próprio Distrito de Chã dos Pereiras, com outros locais do planeta.

4.2 As aulas ministradas na escola para a apreensão do conceito de espaço geográfico



Foto 03: Alunos do 9º ano da E.M.E.F. João Dionísio de Mendonça

Fonte: Rui da Silva Barbosa

A metodologia utilizada predominantemente nas aulas foi a expositiva dialogada, a partir de apresentações de slides e discussões dos conhecimentos produzidos pelos alunos a respeito do espaço geográfico.

A utilização desse mecanismo foi porque entendemos que a linguagem no processo de ensino-aprendizagem em Geografia é um instrumento fundamental na mediação das relações sociais entre professores e alunos. Dessa forma, o ensino de Geografia não se resume apenas em uma aula de interpretação de textos medfóces que reproduzem apenas realidades que os alunos não partilham que travam a criatividade. A Geografia deve ser tratada como uma ciência crítica que dê subsídios na formação de cidadãos críticos formadores de opiniões.

Durante as aulas percebeu-se uma grande dificuldade dos discentes em compreender as categorias da Geografia, principalmente o conceito de Espaço em sua estrutura e principalmente como processo histórico de materialização das relações

sociais. A partir desta problemática tentamos criar algumas estratégias didáticas para apreensão deste conceito básico da Geografia, no sentido de motivá-los a procurar essa resposta na sua própria comunidade, ou seja, tomando como pressuposto a escala local, para posteriormente compararmos com a escala regional, nacional e global.

Portanto, para pensar o mundo são necessários determinados referenciais teórico-conceituais que podem ser apropriados pelos jovens nas aulas de Geografia. Estabelece-se, então, uma dialética: saber pensar o espaço geográfico nas suas diversas escalas e articulá-las demanda um raciocínio específico; o raciocínio geográfico mobiliza, demanda saberes para um leitura do espaço que podem ser trabalhados nas aulas de Geografia (FILIZOLA 2009, P.20).

Castrogiovanni 2000, p. 83 “Ao estudar o espaço geográfico, a delimitação do mesmo é um passo necessário, pois o espaço é imenso, planetário, mundial”. Segundo esse autor estudar o local em que se está inserido é essencial, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assumo a dimensão do espaço local. Este estudo resgata, sobretudo a questão da identidade e a dimensão do pertencimento. Pois devemos compreender que nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente.

O primeiro obstáculo durante as aulas ministradas foi no sentido de se desprendermos do livro didático, pois a escola não disponibilizou esse material de Geografia para os alunos durante o ano letivo. Segundo relatos dos alunos o livro ou as apostilhas, eram utilizados de forma contínua durante as aulas de Geografia nas quais os conteúdos durante as aulas ficava menos aberto as discussões e mais esquematizado. É como se tudo o que ele precisasse saber estivesse nesse material, bastando memorizar o que nele existe.

Dessa forma, os antigos professores de Geografia se resumia a cobrar definições de forma tradicional passando o conteúdo na maioria das vezes sem diálogos, discussão, enfim, como um saber pronto que não admite questionamentos, conduzindo o aluno ao “decoreba” e condenando-o ao enciclopedismo. Esse procedimento, é limitado e equivocado. Kimura 2008 p. 22 afirma que “Em tais condições, esses livros acabam

praticamente ensinando sozinhos, pois, em geral, os encaminhamentos já estão determinados e explicitados”.

O livro didático, apostilhas ou as anotações de classe, não devem ser visto como uma Bíblia. É apenas um apoio, um instrumento pedagógico, mas não exclusivo e inquestionável. Parafraseando Kimura (2008) o livro poderá fazer parte do acervo de estratégias para a elaboração do fazer-pensar do professor, que poderá construir pensamentos juntos como os alunos, e não se colocando como um refém do livro didático. No processo de ensino o papel central é do professor. Seu projeto de ensino e suas ações, é que articulam os significados do aprendizado. Não há manual didático que substitua uma boa formação e a postura do professor-educador. Os livros didáticos são, entretanto, instrumentos elaborados para auxiliar a viabilização de seu trabalho. Dirigidos para as tarefas de estimular, ampliar e sistematizar o conhecimento dos alunos.

Diante do exposto, pode-se constatar que a metodologia tradicional tem atrofiado os conhecimentos geográficos dos alunos e tem levado esses discentes a não se interessarem por essa disciplina. Nessa concepção de ensino o bom professor não deve ser aquele que ensina e sim aquele que ajuda o aluno a aprender, pois, em uma aprendizagem significativa parte de conhecimento contextualizado, problematizado e utilizado na vida real.

Diante dessa problemática (falta do livro didático), não tivemos problemas de não utilizá-lo, pois consideramos que os livros didáticos são materiais de suporte, capazes de facilitar a organização do ensino. O papel ideal para o livro didático é a sua utilização em forma de apoio ao trabalho do professor. Acreditamos que o livro pode servir para orientar o professor sobre determinados conteúdos, mas deve ser utilizado de forma dinâmica e questionadora, de tal forma que o professor e o aluno reconstruam um modelo tradicional de veredas prontas e inquestionáveis. “Sendo incumbência do professor motivar a análise e compreensão, com olhar mais crítico sobre o texto e executar sua capacidade de expressar-se por meio da criação de um texto que seja seu.” (PONTUCHA, PAGANELLI e CACETE, 2007)

Desta forma, para a superação deste recurso didático (livro), foi necessário interagirmos com os alunos sobre seus conhecimentos prévios a respeito desta categoria

da Geografia, utilizando, sobretudo as suas percepções como sujeitos inclusos no espaço geográfico, pois o mesmo se molda de acordo com as necessidades da sociedade.

Dessa forma, o professor partirá do pressuposto que todo aluno traz um conhecimento prévio de qualquer assunto a ser introduzido em sala de aula. Em consequência, ao iniciar um novo conteúdo, o professor conduzirá o aluno a acionar esse conhecimento prévio, através de uma avaliação diagnóstica (tempestade de ideias, atividades orais, entre outras) para saber de quais noções deve partir e como iniciar o trabalho. (LESANN 2009, P.43)

Sabendo as dificuldades dos alunos a respeito dessa categoria elaboramos slides que conceituavam essa categoria da Geografia e simultaneamente traziam imagens que demonstravam as realidades desses alunos e posteriormente fazíamos comparações com imagens de outros locais do Brasil e fora do nosso país. Nossa intenção era trazer a tona que o espaço se reproduz de acordo com o capital empregado e acima de tudo como reflexo da sociedade.

A escala de análise é um critério importante no estudo da geografia. Castrogiovanni 2000, p. 94-95 afirma que é fundamental que se considere sempre os vários níveis desta escala social de análise: “o local”, o “regional”, o “nacional” e o “mundial”. Segundo esse autor a comparação e a correlação são tarefas a realizar após a observação e a descrição dos lugares, no sentido de buscar analogias, levantar semelhanças e diferenças no interior do referido lugar, como dele em relação a outros lugares. Ao realizar este tipo de análise percebem-se as raízes das diferenças existentes. Pois é o caminho para se desvendar características específicas de cada lugar que os diferencia dos demais. O conhecimento e a compreensão das particularidades dos vários lugares pode ser o caminho para se compreender o global, o mundo em que vivemos e para investigar as relações que se estabelecem entre os homens e entre estes e a natureza.

E por último foram elaborados mapas do Distrito de Chã dos Pereiras, utilizando como parâmetro o mapa do IBGE, um mural de fotografias e desenhos, para a reflexão dos alunos como o espaço está em constante transformação, uma maquete enfatizando a Escola Municipal João Dionísio de Mendonça que demonstravam a percepção dos alunos a respeito do espaço vivenciado por estes alunos, e sobretudo um pequeno manual didático abordando o conceito de Espaço em uma escala local, neste caso o

Distrito de Chã dos Pereiras. Deste modo, a escala geográfica nos conduz a uma análise do espaço geográfico em suas dimensões local, regional-nacional e global, enquanto um sistema indissociável de sistema de objeto e sistema de ações, como afirma Santos (1997).

Ao fazer um mapa, por mais simples que ele seja, o estudante estará tendo oportunidade de realizar atividades de observação e de representação. Ao desenhar o trajeto que percorre diariamente, ele verificará até aspectos que não percebia, poderá levantar questionamentos, procurar explicações, fazer críticas e até tentar achar soluções. (CASTROGIOVANNI 2000, p.92)

Para Libâneo 1994, p.46 o ensino de Geografia deve incentivar o estudo da vida humana presente, das instituições sociais e do funcionamento da sociedade, os alunos devem ser incentivados a compreender como as relações entre os homens e entre as classes sociais vão levando a formas de organização sócio-espacial e econômica, como criadoras de desigualdades e injustiças e outras mais igualitárias e mais propícias ao desenvolvimento das características humanas.

4.3 O processo de avaliação utilizado

O processo avaliativo foi contínuo, pois os alunos assistiam e participavam ativamente das aulas de forma interativa e criativa, buscando sempre a produção de um conhecimento sistematizado sob nossa intermediação em que eles fossem os próprios construtores desse processo.

No primeiro momento, conforme supramencionado houve a divisão de quatro grupos distintos, cada grupo assumia a responsabilidade de todas as aulas trazerem algum conhecimento sobre a temática pesquisada enfocando a categoria Espaço e posteriormente a discussão desses conteúdos com os grupos para uma maior compreensão do objeto de estudo. Nossa intenção ao operacionalizar essa tarefa era oportunizar o alunado a buscar respostas sobre essa temática, fazendo com que eles se debruçassem sobre o tema e saíssem da passividade da sala de aula.

Cavalcanti (1998, p. 12) afirma que “(...) a construção e reconstrução do conhecimento geográfico pelo aluno ocorre na escola, mas também fora dela”, segundo ele, com essa abordagem o aluno é ativo porque ele é o sujeito do processo e, por isso,

sua atividade mental ou física é fundamental para a relação ativa com os objetos de conhecimento; o professor é ativo porque é ele quem faz a mediação do aluno com aqueles objetos. Com essa concepção sócio-construtivista, entende o processo de conhecimento que ocorre no ensino como uma construção que envolve o aluno (sujeito) e o saber escolar (objeto), na qual ambos são ativos e estão em interação. Assim, o raciocínio geográfico só é construído pelos alunos se for, o tempo todo, um processo do aluno, que dele parta e nele se desenvolva.

Durante um mês de discussão sobre o assunto Espaço, começamos a construir o mapa do Distrito de Chã dos Pereiras, onde os alunos puderam perceber alguns elementos que os mesmos se esqueceram de trazer para sala de aula durante as discussões, essa produção foi importante para o conhecimento cartográfico dos alunos.

Logo em seguida começamos a construir uma maquete do Distrito de Chã e posteriormente foi desenvolvido uma produção de material didático da própria comunidade, utilizando os conceitos produzidos e analisados na sala de aula e fora dela também, para a apreciação da comunidade escolar.

E por último, como culminância desse processo de ensino-aprendizagem, houve a apresentação desse conhecido adquirido para a comunidade de Chã dos Pereiras.

LESANN, 2009, p. 43 afirma a metodologia de ensino deve, obrigatoriamente, estar voltada para o início da construção dos conceitos fundamentais da Geografia, pelo aluno. Torna-se necessário trabalhar a capacidade de observação sistemática, a descrição verbal e a localização no espaço, para que os alunos sejam capazes de concluir a respeito das relações entre o homem e a natureza, assim como das noções básicas de escala e de representação gráfica do espaço geográfico.

CAPÍTULO 8

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos pela pesquisa objeto deste trabalho nos ajudaram a aclarar questões emblemáticas sobre o tema em estudo e indicam caminhos importantes a serem considerados no processo de otimização pedagógica a ser desenvolvido em unidades de ensino como a Escola Municipal João Dionísio de Mendonça. A partir das reflexões contidas neste estudo, defende-se a proposta de uma abordagem de conteúdo específico para estudar o conceito de espaço, no sentido em que este possa cumprir seu objetivo de servir como ferramenta para compreensão do mundo. Nossos resultados apontam que, o estudo sistemático do espaço não deve ser realizado isoladamente e se esgotar em si mesmo, pois este somente adquire real significado quando associado às realidades humanas. Deste modo, o estudo do espaço geográfico é imprescindível para os conteúdos de Geografia.

O questionário socioeconômico utilizado demonstrou-se importante ferramenta para a compreensão das realidades sociais das turmas analisadas, constatamos que tal ferramenta representa, acima de tudo, a possibilidade de ter-se acesso a um arsenal de informações que se tornam cruciais para o desenvolvimento do trabalho docente.

Considerando todo o exposto, concluímos defendendo que, o sistema de ensino da Escola Municipal João Dionísio de Mendonça, possui possibilidades básicas para que possa desenvolver uma educação de qualidade, pois proporciona aos seus discentes uma otimizada estrutura física, que permite desenvolver uma educação capaz de formar cidadãos críticos e participativos. Sendo assim, constata-se que a proposta de ensino de forma interativa, possibilita ao aluno um importante espaço no qual ele se coloca, cria ou interfere nos objetos de estudo. Com base nos dados recolhidos, podemos afirmar também que, replicando-se a realidade observada na escola que serviu de mostra para este estudo, os discentes poderão construir e produzir conhecimento de maneira produtiva e crítica, conforme demandado por uma educação que privilegia a formação da cidadania. Isto posto, queremos entretanto salientar que há de considerar-se o contexto no qual cada unidade escolar está inserida para aplicar-se a metodologia que aqui constatamos. Este estudo não pretendeu descobrir fórmula mágica para o processo

de ensino-aprendizagem na compreensão do conceito de Espaço, mas sim apontar uma possibilidade de trabalhar essa categoria da Geografia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representações**. 16.ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** – São Paulo. 2001

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o Lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. – Porto Alegre: Mediação, 2000. P. 83-134.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Apreensão e compreensão do espaço geográfico**. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. – Porto Alegre: Mediação, 2000. P. 11-81.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino** – Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

FERREIRA, Alexandre. **Ingá: retalhos da história... Resquícios de memórias!** – Ingá/PB, 2011.

FILIZOLA, Roberto. **Didática de Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base editorial, 2009.

KIMURA, Shoko. **Geografia ao ensino básico: questões e propostas** – São Paulo: Contexto, 2008.

KOZEL, Salete. FILIZOLA, Roberto. **Didática de geografia: memórias da terra: o espaço vivido** – São Paulo: FTD, 1996.

LESANN, Janine. **Geografia no ensino fundamental I**. Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério. Série formação do professor).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. – São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. SOUZA, Jussara Vieira. SCHÄFFER, Neiva Otero. GUEDES, Paulo Coimbra e KLÜSENER, Renita. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas** – 7. Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

PANTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1º ed. – São Paulo: Cortez, 2007. – (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental).

RESENDE, Márcia Spyer. **O saber do aluno e o ensino de Geografia**. In: VESENTINI, José William organizador...[et al.] *Geografia e ensino: textos críticos*; (tradução Josette Gian). Campinas, São Paulo: Papirus, 1989. P. 83-116

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, razão e emoção*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1997.